

Grande Guerra
Patriótica de 1941-1945

75 anos da Vitória



RÚSSIA HOJE

Publicação da Embaixada
da Rússia no Brasil

2020 #II



Felicitações da Embaixada da Rússia no Brasil por ocasião do **Dia da Vitória**

A Grande Vitória é um legado sem valor dos povos de todo o mundo. Devemos preservar cuidadosamente a memória sagrada sobre o feito heróico dos nossos pais e avós que defenderam a liberdade e independência da sua Pátria, ofereceram à humanidade a alegria da vida pacífica.

Por muitos anos que passem, a façanha dos vencedores permanecerá um exemplo de espírito, coragem e patriotismo dos nossos povos. As lições daquela guerra horripilante são atemporais e continuarão relevantes eternamente, sendo passadas de geração a geração.

Nesta data significativa desejamos aos povos da Rússia, do Brasil e de todo o mundo bem-estar, prosperidade e boa saúde. Feliz Dia da Vitória!

9 de maio de 2020.



75º aniversário da Grande Vitória: responsabilidade comum perante nossa história e nosso futuro

Por **Vladimir Putin**, Presidente da Federação da Rússia

19 de junho de 2020

Setenta e cinco anos se passaram desde o final da Grande Guerra Patriótica. Várias gerações cresceram ao longo dos anos. O mapa político do planeta mudou. A União Soviética que reivindicou uma vitória épica e esmagadora sobre o nazismo e salvou o mundo inteiro se foi. Além disso, os eventos dessa guerra há muito se tornam uma memória distante, mesmo para seus participantes.

“Costuma-se dizer que a guerra deixou uma marca profunda na história de todas as famílias. Por trás dessas palavras, existem destinos de milhões de pessoas, seus sofrimentos e a dor da perda. Por trás dessas palavras, há também o orgulho, a verdade e a memória.”

Então, por que a Rússia celebra o dia 9 de maio como o seu maior feriado? Por que a vida quase parará em 22 de junho? E por que sentimos um nó na garganta?

Costuma-se dizer que a guerra deixou uma marca profunda na história de todas as famílias. Por trás dessas palavras, existem destinos de milhões de pessoas, seus sofrimentos e a dor da perda. Por trás dessas palavras, há também o orgulho, a verdade e a memória.

Para meus pais, a guerra significou as terríveis provações do cerco de Leningrado, onde meu irmão de dois anos, Vitya, morreu. Foi o lugar onde minha mãe milagrosamente conseguiu sobreviver. Meu pai, apesar de estar isento do serviço ativo, se ofereceu para defender sua cidade natal. Ele tomou a mesma decisão que milhões de cidadãos soviéticos. Ele lutou na cabeça de ponte Nevsky Pyatachok e ficou gravemente ferido. E quanto mais anos se passam, mais sinto a necessidade de conversar com meus pais e aprender mais sobre o período de guerra em suas vidas. No entanto, não tenho mais a oportunidade de fazê-lo. Esta é a razão pela qual eu aprecio em meu coração as conversas que tive com meu pai e mãe sobre esse assunto, bem como a pouca emoção que eles mostraram.

Pessoas da minha idade e eu acreditamos que é importante que nossos filhos, netos e bisnetos entendam o tormento e as dificuldades que seus ancestrais tiveram que suportar. Eles precisam entender como seus ancestrais conseguiram perseverar e vencer. De onde veio a força de vontade pura e inflexível que surpreendeu e fascinou o mundo inteiro? Claro, eles estavam defendendo sua







casa, seus filhos, entes queridos e famílias. No entanto, o que eles compartilharam foi o amor por sua terra natal, sua pátria. Esse sentimento íntimo e profundo se reflete totalmente na essência de nossa nação e se tornou um dos fatores decisivos em sua heroica e sacrificial luta contra os nazistas.

Eu sempre me pergunto: o que a geração de hoje faria? Como vai agir quando confrontada com uma situação de crise? Vejo jovens médicos, enfermeiros, às vezes recém-formados que vão para a “zona vermelha” para salvar vidas. Vejo nossos militares que combatem o terrorismo internacional no norte do Cáucaso e lutaram até o fim na Síria. Eles são tão jovens. Muitos militares que faziam parte da lendária e imortal 6ª Companhia de Paraquedistas tinham entre 19 e 20 anos. Mas todos eles provaram que mereciam herdar o feito dos guerreiros de nossa terra natal que o defenderam durante a Grande Guerra Patriótica.

É por isso que estou confiante de que uma das características dos povos da Rússia é cumprir seu dever sem sentir pena de si mesmos quando as circunstâncias o exigirem. Valores como abnegação, patriotismo, amor pelo lar, pela família e pela pátria continuam sendo fundamentais e integrais à sociedade russa até hoje. Esses valores são, em grande parte, a espinha dorsal da soberania de nosso país.

Atualmente, temos novas tradições criadas pelo povo, como o Regimento Imortal. Esta é a marcha da memória que simboliza nossa gratidão, bem como a conexão viva e os laços de sangue entre gerações. Milhões de pessoas saem às ruas carregando as fotografias de seus parentes que defenderam sua pátria e derrotaram os nazistas. Isso significa que suas vidas, suas proações e sacrifícios, bem como a Vitória que eles deixaram para nós nunca serão esquecidos.

Temos a responsabilidade de nosso passado e nosso futuro de fazer o máximo para impedir que essas horríveis tragédias aconteçam novamente. Por isso, fui obrigado a publicar um artigo sobre a Segunda Guerra Mundial e a Grande Guerra Patriótica. <...> ■



Tradução: Sputnik Commercial & Consulting.

O texto completo do artigo está disponível no site oficial da Embaixada da Rússia no Brasil



Soldado do Exército Vermelho Soviético, ajudando um prisioneiro de guerra alemão, ferido durante a Batalha de Berlim, em 1945

História da Segunda Guerra nos ensina que solidariedade é o melhor remédio

Por **Sergey Akopov**, Embaixador da Rússia no Brasil

Publicado originalmente na Folha de S. Paulo em 8 de maio de 2020

Neste ano comemoramos várias datas importantes. Há 75 anos, em 8 de maio de 1945, foi assinado o ato da rendição da Alemanha nazista, um documento que pôs fim ao período principal da devastadora Segunda Guerra Mundial. Em setembro do ano corrente vamos comemorar o 75º aniversário da vitória definitiva dos aliados naquela guerra. Em outubro próximo, os mesmos 75 anos completa a Organização das Nações Unidas (ONU), um verdadeiro símbolo de multilateralismo e diálogo global, criada especialmente para prevenir uma nova tragédia mundial.

Hoje, enquanto o mundo volta a enfrentar um inimigo tão forte que consegue até ameaçar a vida e a saúde de milhões de pessoas, bem como a estabilidade econômica e política dos maiores países, vale a pena lembrar as lições da história. E, antes de mais nada, as lições da Segunda Guerra Mundial.

Para entender o significado da vitória de 1945, é necessário avaliar os objetivos dos principais instigadores do conflito. O maior deles, a Alemanha nazista, o Terceiro Reich, visava conquistar os demais países e liquidá-los, impondo

seu domínio sobre todas as nações do mundo. Algumas delas foram “escolhidas” por ideólogos nazistas para serem utilizadas como mão de obra escrava. Outras, em primeiro lugar os judeus, deviam ser completamente exterminadas. Foi um sonho mórbido de construção de um mundo que se baseasse em opressão, escravidão e morte para todos exceto uma nação.

Naquela altura, a ameaça e o inimigo comuns não deixaram outra opção ao mundo civilizado: para vencer, todos nós tivemos de nos unir. Sistemas políticos e econômicos absolutamente opostos e ideologias incompatíveis conseguiram formar uma aliança sólida para evitar a iminente catástrofe global.

Os aliados lutavam pela sua sobrevivência, liberdade e futuro. Não seria um exagero dizer que a guerra, na sua essência, foi um combate das forças da vida contra as forças da morte. E a vida venceu.

É difícil achar um exemplo melhor da solidariedade global. Depois da vitória, já em 1945, foi em grande parte graças a este movimento unificador que se forjou uma nova ordem mundial, baseada no papel central da ONU na manutenção da estabilidade internacional. Apesar dos inevitáveis pormenores e defeitos desta ordem, até hoje ela tem efetivamente prevenido qualquer outro conflito de grande escala, que obviamente seria a última guerra na história da humanidade. A vitória sobre as forças racistas permitiu manter o caminho progressivo do desenvolvimento mundial.

Logo depois dela, iniciou-se o período de descolonização que mudou o rosto do planeta, trazendo ao palco internacional dezenas de novas nações independentes.

“Não seria um exagero dizer que a guerra, na sua essência, foi um combate das forças da vida contra as forças da morte. E a vida venceu.”

Grandes avanços foram feitos no campo de direitos humanos. Tudo isso seria impossível se a guerra fosse perdida. É por essas razões que continuamos comemorando os eventos de 1945, mesmo que já tenham passado 75 anos.

Durante o maior desafio global do século 20, a humanidade fez uma escolha importante: optou por cooperação em vez da competição, por interesse comum em vez do particular e por desenvolvimento em vez da decadência. Se quisermos superar os desafios de hoje, teremos de fazer esta escolha mais uma vez. Espero que as lições do passado nos ajudem nisso. ■



Veja a publicação original no site da Folha de S. Paulo

Força Expedicionária Brasileira em combate no Monte Castelo, Itália, durante a Segunda Guerra Mundial









Носков Кирилл
Павлович

Бессмертный  полк



Dia da Vitória uma alegria com lágrimas nos olhos

Por **Sergey Akopov**, Embaixador da Rússia no Brasil

Publicado originalmente no jornal O Globo em 9 de maio de 2020

Embaixador da Rússia no Brasil escreve sobre os 75 anos da rendição da Alemanha nazista e o legado da guerra para o povo russo

Neste dia 9 de maio, a Rússia e os outros países da antiga União Soviética comemoram o **Dia da Vitória na Grande Guerra Patriótica** de 1941-1945. É assim que em todo o espaço pós-soviético se chama o período da Segunda Guerra Mundial, quando nosso país travou uma luta sem igual pela sua sobrevivência contra a Alemanha nazista na Frente Oriental europeia.

Para o nosso povo, e para mim, a vitória, sem dúvida, representa um grande sucesso do todo o mundo civilizado na defesa da sua liberdade. Mas não só isso. Como diz a famosa canção russa, é uma “alegria com lágrimas nos olhos”. Naquela guerra o mundo perdeu mais de **70 milhões** de pessoas, entre as quais **27 milhões** eram cidadãos soviéticos. Estes números gelam-nos o sangue nas veias. Os países que participaram da guerra sacrificaram uma parte significativa de uma geração inteira, as pessoas mais corajosas e ativas, muitas das quais poderiam se tornar cientistas, artistas, escritores e contribuir para o desenvolvimento do mundo pós-guerra. Mas **nunca voltaram**. E a alegria da vitória, para mim, não consegue se sobrepor a esta trágica perda.

Dimensões

É impossível subestimar o significado da vitória na Segunda Guerra Mundial. Na verdade, ela tem muitas dimensões. Primeiramente, uma dimensão pessoal. Para mim, tal como para a maioria absoluta dos cidadãos da Rússia e dos países da antiga União Soviética, a vitória faz parte da história da família, sendo uma coisa muito íntima e preciosa. **Todas as famílias** do nosso país, de uma maneira ou de outra, foram atingidas pela guerra e contribuíram para a vitória. Quase cada família, e a minha também, tem os seus heróis.



Este fenômeno se manifesta muito na grande popularidade da ação civil **"Regimento Imortal"**, que se tornou numa boa tradição. Todos os anos, em maio, a ação é realizada não só na Rússia, mas em muitos outros países do mundo, inclusive no Brasil, reunindo centenas de milhares de pessoas, que levam placas com fotografias dos heróis de suas famílias e contam suas histórias. Este ano, devido à situação grave da pandemia, temos de nos adaptar e realizar este evento pela internet, mas isso nos permite ver ainda mais como importante é este **legado histórico** para as pessoas de todo o mundo.

Outra dimensão da vitória é a dimensão nacional. Para o nosso país, a guerra foi um grande desafio e teste, que levou a mudanças profundas na mentalidade do povo. A União Soviética saiu da guerra como uma nação vencedora. Apesar do enorme sacrifício, perdas demográficas e danos econômicos, o país provou, antes de mais nada, para si mesmo, que juntos podemos fazer quase tudo. Foi um grande fator unificador, que assegurou também a rápida recuperação pós-guerra e as realizações posteriores do país.

Afinal, a vitória teve um importante significado internacional. Para nós, profissionais das Relações Internacionais, na verdade foi este evento que definiu toda a vida diplomática da segunda metade do século 20 e continua influenciando a política internacional de hoje. Em primeiro lugar, devemos lembrar que um dos maiores frutos da vitória dos Aliados foi a criação da ONU, a organização cujo objetivo principal é impedir um novo conflito global que ameace a própria existência da humanidade. Até hoje, apesar de certos problemas e críticas, a ONU tem desempenhado esse papel primordial, e, estou convencido, continuará assim.

Desde a vitória, que de uma vez por todas mudou o curso da história da humanidade e deu luz à nova ordem mundial que existe até hoje em dia, já se passaram 75 anos. Contudo, as lições da guerra permanecem extremamente relevantes e não podem ser esquecidas. ■



Veja a publicação original
no site do O Globo





ВМЕСТЕ С НАМИ
ПОБЕДИМ
НАШЕ ПЕРВОЕ
ПОСЛАНИЕ

ГРАЖДАНСКИЙ
ПОЛК







Cena do filme *Demora Celestial*

As 10 melhores músicas soviéticas sobre a Segunda Guerra Mundial

Por **Boris Egorov**, *Russia Beyond*



Essas músicas são populares até hoje e transmitem perfeitamente os sentimentos das pessoas que sobreviveram à guerra mais brutal da história humana. Todas elas podem ser facilmente encontradas no YouTube: aconselhamos fazê-lo enquanto ler este artigo.

I "Não vamos para casa há muito tempo"

(Давно мы дома не были)



A letra original desta canção escrita em maio de 1945 era: "Na Alemanha, na Alemanha, em uma terra maldita". Mas, depois que a guerra terminou, decidiu-se mudar "maldita" para "distante".

2 "Marcha dos artilheiros"

(Марш артиллеристов)



Escrita em 1943, esta música se tornou imediatamente popular e é dedicada ao Deus da Guerra, isto é, à artilharia. Após o início do processo de desestalinização na URSS (a partir de 1953), a letra "Artilheiros, Stálin deu a ordem" foi alterada para "Artilheiros, as ordens são exatas".

3 "Um tempo na estrada"

(Пора в путь-дорогу)



Esta música foi escrita para um dos filmes soviéticos mais amados de todos os tempos, "Demora Celestial" ("Небесный тихоход", 1945), que conta a história de três pilotos que são melhores amigos e juram não se apaixonar até o fim da guerra. Mas seus planos caem por terra depois de eles encontrarem um esquadrão feminino de aviação.

4 "Smuglianka"

(Смуглянка)



Considerada uma das canções soviéticas mais populares da Segunda Guerra Mundial, "Smuglianka" ("Morena") foi escrita antes da guerra. Ela surgiu em 1940 e conta a história de uma garota moldava que se uniu aos guerrilheiros durante a Guerra Civil Russa (1918-1922).

Mas ela também se encaixa perfeitamente no cenário da Grande Guerra Patriótica. O "renascimento" de sua popularidade ocorreu em 1973, quando ela ressurgiu em um dos melhores dramas de guerra, intitulado "Somente os velhos vão para a batalha".

5 "Chama Eterna"

(Вечный огонь)



Esta música foi escrita em 1971 para os oficiais de um filme patriótico que trata de várias gerações de uma família que dedicam suas vidas a servir a pátria. No filme, quem a canta é Vladímir Zlatoustovski, que não era cantor profissional. Apesar disso, sua atuação foi icônica.



Acima: cenas do filme *Somente os velhos vão para a batalha*, dirigido por Leonid Bykov. Abaixo: cenas do filme *Demora Celestial*, escrito e dirigido por Semyon Timoshenko, em que a canção *Um tempo na estrada* é interpretada



6 "Guerra Sagrada"

(Священная война)



A música "Guerra Sagrada" surgiu no terceiro dia após o início da invasão alemã. Ela motivou os soldados a defender a pátria e foi considerada a principal canção durante o primeiro e mais difícil período da guerra. A canção foi traduzida para diversos idiomas, entre eles o alemão, o húngaro e o polonês. Existem duas versões polonesas, uma com e outra sem menção à União Soviética.

7 "Caminhos"

(Эх, дороги!)



Esta música foi escrita já após a guerra, no outono de 1945, para uma representação teatral. Sua popularidade foi para além do espetáculo e ela é amada ainda hoje.

8 "Escura é a noite"

(Темная ночь)



Esta canção foi escrita no meio da guerra, em 1943, para o filme "Dois Soldados" ("Два солдата"), no qual foi interpretada pelo popular artista Mark Bernes. De acordo com a revista Rússki Reportiôr, em 2015, sua letra ocupava o 25º lugar no top 100 dos melhores versos poéticos da Rússia, de acordo com pesquisa com leitores.

"Escura é a noite" é a música-tema do filme "Cinzas e diamantes", de Andrzej Wajda, do filme israelense "Dark Night" e o filme de terror sueco "Frostbite".

9 "Katiucha"

(Катюша)



Como "Smuglianka", "Katiucha" (diminutivo de Ekaterina) foi escrita antes da guerra, em 1938, mas se tornou popular durante o conflito. A música também é a origem do apelido de um poderoso armamento soviético: os lançadores de foguetes BM-8, BM-13 e BM-31 "Katiusha". Segundo a mesma pesquisa de 2015 da revista Rússki Reportiôr, a letra de "Katiucha" ocupava o 13º lugar entre os versos mais populares do país.

10 "Dia da Vitória"

(День Победы)



Essa música foi criada pelo compositor David Tukhmanov, em 1975, para comemorar o 30º aniversário da vitória sobre a Alemanha nazista e se tornou um verdadeiro símbolo. Nenhuma celebração do Dia da Vitória ocorre na Rússia sem tocá-la.

Na pesquisa da revista Rússki Reportiôr mencionada anteriormente, sua letra ocupa o quinto lugar entre os versos mais amados dos russos. "Esta canção parecia voltar no tempo. Apesar de escrita três décadas após a guerra, parecia que era ela quem tinha nos ajudado a alcançar a vitória!", disse o compositor Vladimir Chinski sobre "Dia da Vitória". ■



Veja a publicação original
no site Russia Beyond











Semion Namokov fotografado por Peter Bernstein (foto colorizada por Klimbim)

5 super-heróis soviéticos que apavoraram os nazistas na Segunda Guerra Mundial

Por **Gueórgui Manáev**, Russia Beyond

Essas cinco pessoas foram além do humanamente possível: parar um tanque com um machado, usar métodos xamanísticos no combate a atiradores de elite e transformar um batalhão de tanques alemão em um campo de tiro de patos sentados.



I. Zinovi Kolobanov: a vitória do tanque em que ninguém acreditava

Quando a Segunda Guerra Mundial começou, Zinovi Kolobanov já tinha vasta experiência militar. Havia lutado, por exemplo, na Guerra da Finlândia, de 1939 e 1940, durante a qual escapou de um tanque em chamas por não uma, mas três vezes.

Em 1941, Kolobanov comandou uma unidade de tanque enquanto tropas alemãs avançavam rumo a Leningrado (atual São Petersburgo). Perto da vila de Voskovitsi, a unidade de Kolobanov recebeu a ordem de defender a estrada que levava à cidade de Krasnogvardeisk (atual Gatchina, a 42 quilômetros de Leningrado). Com apenas 5 tanques pesados KV-1 à disposição, Kolobanov moveu sua unidade para uma importante encruzilhada, onde ordenou que dois tanques bloqueassem as duas estradas para Krasnogvardeisk. Enquanto isso, estacionou estrategicamente seu tanque a 300 metros de distância em uma posição que mal era possível vê-lo.



Zinovi Kolobanov

Quando os tanques alemães se aproximaram, as tropas estavam confiantes demais – havia até soldados sentados nos cascos com as escotilhas abertas – e claramente não viram o tanque de Kolobanov. Andrêi Usov, o artilheiro de Kolobanov, destruiu então o primeiro e o último dos 22 tanques na coluna inimiga, bloqueando-os efetivamente em uma estrada estreita cercada por pântanos. O restante dos tanques estavam alinhados diante do tanque de Kolobanov, exatamente como em um campo de tiro.

Em meio à turbulência, algumas das munições dos tanques inimigos explodiram, enquanto outros deslizaram para o pântano, deixando-os imóveis, ainda que continuassem disparando ferozmente. Os tanques KV-1 se mostraram praticamente invencíveis às armas alemãs. Após a batalha, havia mais de 100 marcas de tiro no casco do tanque de Kolobanov, mas nenhuma havia perfurado a blindagem. Kolobanov destruiu 22 tanques inimigos, e toda a sua unidade varreu 48 no total, brecando o avanço das forças alemãs.

Logo após sua batalha mais famosa, Zinovi Kolobanov ficou gravemente ferido, recuperando-se apenas em 1945. Viveu em Minsk até sua morte em 1994. A vitória de

Kolobanov foi considerada tão incrível e audaciosa que muitos não acreditavam. Quando, na década de 1970, a TV bielorrussa quis fazer uma reportagem sobre o feito de Kolobanov, a matéria foi reprovada pelos superiores por ser considerada *absurda*.



2. Semion Nomokonov: o atirador xamã

Semion Nomokonov foi um indígena siberiano, membro do povo evenque. Foi caçador desde a infância e, por causa de sua visão extraordinária, acabou sendo apelidado de “olho de urubu”. Nomokonov começou a atuar no Exército como médico, e, certa vez, ao transportar um soldado ferido do campo, notou um atirador de elite alemão mirando em sua direção. Foi então que pegou uma arma próxima e o matou quase sem olhar – e assim teve início a carreira de atirador de elite de Nomokonov.

No total, o siberiano foi ferido oito vezes – e eliminou 368 soldados inimigos, incluindo um major-general. Suas façanhas foram lendárias, e os alemães o apelidaram de “xamã da Taiga”. Muitas vezes, durante a missão, ele utilizava espelhos para distrair o inimigo com lampejos, e usava capacetes vazios em varas para criar supostos soldados ao seu redor. Ninguém conseguia se disfarçar melhor que Nomokonov.

Ele contabilizava as mortes fazendo entalhes no cachimbo e costumava usar uma espingarda simples, sem mira telescópica. “Alguém poderia pensar que o caçador recorria a algum tipo de força impura”, escreveu um jornalista sobre Nomokonov.



3. Ivan Sereda: não brinque com o cozinheiro

Ivan Sereda tinha apenas 22 anos em junho de 1941. Como muitos ucranianos, o jovem adorava comer e cozinhar muito bem, pois havia se formado em uma escola de culinária antes mesmo do início da guerra. Sereda mostrava disposição para entrar no campo de batalha, mas havia poucos cozinheiros capazes de fornecer nutrição saudável às tropas – por esse motivo, foi designado a trabalhar na cozinha do campo.

Certo dia, quando seu regimento estava nas linhas de frente perto de Daugavpils, na Letônia, dois tanques inimigos apareceram na retaguarda das posições soviéticas, perto da cozinha de Sereda. O jovem soviético rapidamente se escondeu com os cavalos do regimento na floresta. As únicas armas que ele tinha eram um machado e uma espingarda velha. Um dos tanques avançou, enquanto outro parou ao lado da cozinha.

Os alemães começaram a sair do tanque para fazer um balanço da cozinha capturada e, com sorte, achar uma refeição quente. De repente, porém, Ivan saiu correndo de seu esconderijo com um machado na mão, obrigando os alemães a voltar para o veículo. A metralhadora começou a disparar, mas Ivan já estava em cima do tanque, dobrando o cano da arma com o machado. Então, começou a comandar suas tropas (que não estavam lá, mas os alemães não sabiam disso) a atingir o tanque inimigo com granadas. Paralelamente, Ivan continuava batendo na armadura do tanque com o machado.

Quando os inimigos aterrorizados tentaram escapar do tanque, Ivan os manteve sob a mira de armas até que suas tropas retornassem. Mais tarde, Sereda recebeu as medalhas de maior prestígio do país – Herói da União Soviética e Ordem de Lênin – por sua proeza. Certamente, não foi por suas habilidades culinárias.



4. Dmitri Ovtcharenko: como um nazista perde a cabeça

Camponês da região de Lugansk, Dmitri Ovtcharenko não foi um aluno muito aplicado, tendo concluído apenas cinco séries. No entanto, Dmitri possuía uma força física considerável e, por isso, acabou sendo convocado nos primeiros dias da guerra.

Ao ser ferido, Ovtcharenko foi remanejado para um regimento de logística encarregado de fornecer comida e munição às tropas.



Dmitri Ovtcharenko

Em 13 de julho de 1941, durante o transporte de mercadorias, o camponês foi pego de surpresa por um esquadrão alemão com 50 soldados e três oficiais. À mão armada, eles tomaram a espingarda de Ovtcharenko e o interrogaram perto de sua carruagem com feno, comida e munição. Num piscar de olhos, no entanto, o soviético pegou um machado escondido sob o feno e decapitou o oficial que o questionava. Nos segundos seguintes, lançou três granadas contra os inimigos, eliminando mais de 20 pessoas, e o resto fugiu. Ovtcharenko conseguiu, porém, eliminar outro oficial, decapitando-o com o mesmo machado. Para evitar qualquer dúvida sobre seu feito, ele decidiu reunir provas, levando os documentos que identificavam as tropas alemãs.

Logo depois, Dmítri recebeu a medalha de Herói da União Soviética e foi enviado para luta em um esquadrão de metralhadoras. Infelizmente, como morreu na Hungria no início de 1945, não presenciou a vitória final sobre os nazistas.



5. Liudmila Pavlitchenko: a atiradora que inspirou Woody Guthrie

Liudmila Pavlitchenko é considerada a melhor atiradora de todos os tempos. Embora apelida-

dada de “Dona Morte” por jornalistas americanos, na União Soviética, seu nome não estava associado à morte – mas à vingança por justiça.

Ainda jovem, Pavlitchenko estudou para se tornar historiadora. Quando a guerra começou, ela já havia terminado sua tese, mas se voluntariou no Exército. Durante seus anos de faculdade, ela havia feito cursos de treinamento de atiradores de elite. Nos primeiros anos do conflito, conheceu um atirador, Leonid, e eles decidiram se casar. Mas Leonid logo morreu em batalha, e Pavlitchenko teve que carregar o corpo do noivo.

Em junho de 1942, Pavlitchenko já contabilizava 309 mortes. Um de seus mais longos duelos de atiradores de elite foi contra um alemão que havia derrubado dois de seus colegas atiradores russos. O duelo silencioso prosseguiu durante um dia inteiro.



Liudmila Pavlitchenko

Após 24 horas, quando ambos já estavam exaustos, os adversários se encontraram. Pavlitchenko foi mais rápida, no entanto. No caderno de anotações do atirador alemão, ela encontrou registros das mortes de mais de 400 soldados soviéticos e aliados.

Em junho de 1942, Pavlitchenko foi ferida. Depois de se recuperar, ela foi enviada aos EUA, onde conheceu o presidente Roosevelt e fez uma pequena turnê pelo país e pelo Canadá.

“Tenho apenas 25 anos, senhores, e já eliminei 309 opressores fascistas. Vocês não acham, cavalheiros, que estão se escondendo nas minhas costas há muito tempo?”, disse em seu famoso discurso em Chicago. Pavlitchenko causou tamanha impressão nos americanos que até o lendário compositor Woody Guthrie escreveu uma canção sobre a “senhorita Pavlitchenko”, com o assombro refrão: “Trezentos nazistas caíram por sua arma”. ■



Veja a publicação original
no site Russia Beyond







Abrigo, cinema e até biblioteca: o metrô de Moscou durante a 2ª Guerra Mundial

Por **Anna Sorôkina**, Russia Beyond

Ao longo do conflito, o metrô da capital não apenas continuou transportando passageiros diariamente, como também serviu de abrigo para milhões de pessoas. Era um local onde podia-se comer, dormir, pegar livros ou assistir a um filme.

Quando a Segunda Guerra Mundial chegou à União Soviética, em 1941, Moscou havia construído três linhas de metrô, com um total de 21 estações. Durante o conflito, o metrô transportava passageiros de dia e depois transformava-se em abrigo antiaéreo à noite. Durante os bombardeios em 1941, forneceu abrigo a um total de 13,9 milhões de pessoas. Em 1942, quando os ataques aéreos eram menos frequentes, esse número caiu para 303 mil. A última bomba caiu sobre Moscou em junho de 1943, mas o metrô manteve seu status de abrigo antiaéreo até o final dos confrontos.

O primeiro sinal de ataque aéreo soou em Moscou um mês após o início da guerra, em 22 de julho de 1941. Cerca de 500.000 pessoas se esconderam em suas estações e túneis. Outro ataque aéreo ocorreu na noite seguinte. Uma das bombas danificou o túnel entre as estações Smolenskaya e Arbatskaya; outra atingiu a estrutura suspensa por onde passava o metrô de superfície; e uma terceira explodiu bem na entrada da estação Arbatskaya. Dúzias morreram, inclusive em tumultos nas entradas de estações. Com isso, foram criadas regras para uso do metrô como abrigo antibomba.

Estação Mayakovskaya, em 1938







Estação Mayakovskaya, em 1941

Durante a guerra, o metrô funcionava normalmente até as 22h00 e, em seguida, virava uma espécie de abrigo até as 5h00 da manhã. No caso de ataque aéreo, os trens paravam de circular, e o pessoal do metrô se preparava para acolher pessoas. A capital russa sofreu o pior ataque a bomba em outubro e novembro de 1941. Durante esse período, os trens pararam de circular entre as 5h00 e as 19h00; assim, os moscovitas acomodavam-se durante a noite em vagões de metrô, nas estações e nos túneis.

De acordo com os arquivos do metrô de Moscou, foram colocados nas estações um total de 3.800 berços e 4.600 camas para adultos. Bebedouros e torneiras de água foram instalados nas plataformas, juntamente com 25 banheiros. Médicos ficavam de plantão nas estações

durante o dia todo. À noite, as crianças recebiam leite e pão branco. Além disso, algumas estações chegaram a organizar exposições de filmes.

Em novembro de 1941, uma filial da Biblioteca de História foi montada na estação Kurskaya. "Eu a visito quase diariamente", escreveu um de seus frequentadores. "Não porque minha viagem para casa passe por esta estação, mas porque venho ler jornais e outras publicações (...). O único inconveniente que não pode ser suprimido é a corrente de ar proveniente do movimento de trens e o fluxo contínuo de passageiros."

A estação Chistye Prudy (então chamada Kirovskaya) foi fechada para passageiros e convertida em um espaço para o Estado-Maior.

No início da guerra, o comando operacional, liderado por Stálin, ficava em uma casa perto da entrada da estação, de onde era possível pegar um elevador para o complexo subterrâneo do posto de comando e atravessar a estação.

Uma divisória de compensado protegia a plataforma dos trens que passavam, e um muro de concreto armado foi posicionado em frente às escadas rolantes para extinguir uma possível onda de explosão caso ocorresse um ataque direto com uma bomba aérea. Os outros postos de comando militar estavam localizados nas estações Krasnye Vorota, Belorusskaya e Ploshchad Sverdlova (atual Teatrnaya).

Apesar dos bombardeios, o metrô de Moscou continuou transportando milhões de pessoas. O único dia da história em que o metrô não abriu na hora certa foi em 16 de outubro de 1941. No dia anterior, a liderança soviética decidiu destruir o metrô e evacuar seus trens e outros equipamentos para a retaguarda e, assim, não entregá-los ao inimigo. Na noite de 15 e 16 de outubro, aconteciam os preparativos para inundar estações, cabos elétricos foram cortados, e as escadas rolantes, desmontadas. Mas, de manhã, a decisão foi cancelada, e, às 6h45, o metrô voltou a funcionar. Mesmo assim, alguns dos equipamentos foram evacuados para o Uzbequistão, deixando apenas 105 vagões de metrô em Moscou. Se antes da guerra o metrô transportava 27 milhões de passageiros por mês, esse número caiu para apenas 8 milhões em outubro de 1941. (Atualmente, o metrô de Moscou transporta essa quantidade em menos de um dia!)

Durante a guerra, quando a maioria dos homens havia sido recrutada, o metrô era ocupado principalmente por mulheres. O primeiro trem para mulheres, operado apenas por motoristas do sexo feminino, surgiu em 8 de março de 1942. As mulheres continuaram a trabalhar no metrô depois da guerra. Algumas estações – como, por exemplo, o da estação Sokol – eram usadas para produzir carcaça de bombas e minas.

O governo continuou construindo novas estações e trilhos, apesar da guerra. Em 1943, um túnel foi construído sob o rio Moskva, da Teatrnaya à Avtozavodskaya, e depois da Kurskaya ao parque Izmailovsky, em 1944. Hoje, sete estações têm placas comemorativas com a menção: “Construída nos dias da Segunda Guerra Mundial”. ■



Veja a publicação original
no site Russia Beyond



Acima: o Metrô sendo usado como biblioteca na estação Kurskaya. Ao centro: reunião dedicada ao XXIV aniversário de outubro, em 1941, na estação Mayakovskaya. Embaixo: distribuição de laticínios

ПОТСДАМСКИЙ
ВОКЗАЛ

ПЕРТЕРСКИЙ
ВОКЗАЛ

ШТЕГЛИЦ

РЕЙХСТАГ

ЛЕЙПЦИГЕР
ПЛАЦ

МИНИСТЕРСТВО
ВНУТ. ДЕЛ



A história do oficial do Exército Vermelho que perdeu as duas mãos e voltou para a batalha

Por **Boris Egorov**, Russia Beyond



Major de artilharia virou fonte de uma lenda. Muitos acreditavam que se tratava de uma figura fictícia, já que a realidade era simplesmente absurda demais.

Vassíli Stepanovitch Petrov, mesmo perdendo as duas mãos em batalha, não tinha a intenção de voltar à vida civil e, em vez disso, retornou à Segunda Guerra Mundial.

Ele continuou comandando um batalhão de artilharia e liderou as tropas sem titubear.

A maior batalha de todas

Primeiro de outubro de 1943 foi um dia de reviravolta para o capitão de artilharia Vassíli Petrov, que comandou duas baterias durante a Batalha do Dnieper. Graças à sua firmeza, os artilheiros soviéticos haviam sido capazes de repelir quatro ataques inimigos, e destruir quatro tanques e dois morteiros no processo.

Mas uma granada feriu gravemente suas duas mãos. Ao ser levado para o hospital, Petrov era encarado como uma causa perdida. Para obrigar os médicos a operá-lo, os oficiais tiveram que apontar armas contra eles.

Sua vida foi então salva, mas ambas as mãos precisaram ser amputadas. Vassíli Petrov enfrentava agora um dos maiores testes de sua vida já marcada por batalhas.

De volta para a frente

“As primeiras seis semanas no hospital foram de agonia. Quando voltei, sentia uma dor insuportável por todo o corpo e gritei até que todas as minhas forças se esgotassem. E então começou tudo de novo. Mais tarde, quando a dor diminuiu e percebi o horror da minha situação, parecia que a vida havia perdido todo o sentido. Para diminuir o tormento psicológico, eu fumava muito, às vezes até cem cigarros por dia. ‘O que aconteceu? Por que o destino foi tão cruel comigo?’, perguntava a mim mesmo e não obtinha resposta. Vassíli enfim controlou seus demônios internos e deu um passo decisivo – suas mãos se foram, mas não sua clareza mental ou capacidade de comando. Ele tinha que voltar para a frente.

Petrov se recusou a permanecer na retaguarda e rejeitou um bom cargo como secretário de um dos comitês distritais de Moscou. Depois de superar as objeções da comissão médica e de outros oficiais, Vassíli retornou à sua unidade, onde foi calorosamente recebido por seus camaradas militares.



Vassili Stepanovitch Petrov, sentado no centro, entre os cadetes da escola Sumy, após a guerra



A Batalha do Dnieper, em que o Major Petrov perdeu as mãos, fez parte de uma ofensiva soviética ampla na Ucrânia, envolvendo três operações estratégicas do Exército Vermelho Soviético e um contra-ataque operacional da Wehrmacht



Embora Petrov não pudesse mais atirar ou lançar granadas, ele sabia que seu excelente treinamento militar e experiência de combate seriam inestimáveis no comando da artilharia. E não poderia estar mais certo.

O major que virou lenda

Agora major, Petrov continuou na guerra como Comandante do 248º Regimento de Artilharia Antitanque. Ele passou todo o conflito na linha de frente, constantemente guiando suas tropas em meio a artilharia pesada e disparos de morteiro.

Pouco antes do fim da guerra, em 27 de abril de 1945, durante um período de intenso combate, o major liderou pessoalmente o seu batalhão no ataque e voltou a ficar gravemente ferido. Contudo, novamente se recuperou. Petrov virou fonte de uma lenda. Muitos acreditavam que se tratava de uma figura fictícia, já que a realidade era simplesmente absurda demais.

Duas vezes Herói da União Soviética, e premiado com a Ordem de Lênin e a Bandeira Vermelha, Vassíli foi pessoalmente nomeado por Stálin para as fileiras das Forças Armadas da URSS.

Luta diária no pós-guerra

O fim da Grande Guerra Patriótica não pôs fim às lutas de Vassíli Petrov.

O major fez tudo o que pôde para manter uma boa forma física e mental. Apesar dos ferimentos, andava vários quilômetros e fazia agachamentos diariamente.

Petrov deu sequência a educação universitária e escreveu milhares de páginas de memórias manuscritas com a ajuda de um membro artificial, que foram posteriormente lançadas em dois volumes sob o título “O Passado Conosco”.

A vida de Petrov estava inseparavelmente ligada ao exército e assim permaneceu até o final, por meio de várias posições nas forças de artilharia e mísseis. Após a queda da União Soviética, ele manteve seu status no serviço militar, porém como parte do Exército ucraniano. Vassíli Petrov morreu em Kiev em 2003, aos 81 anos de idade.

“Todo soldado está inclinado a acreditar no destino. Eu estava convencido de que minha hora chegara e decidi morrer. Não aconteceu no hospital. Então voltei para meus companheiros na linha de frente para morrer no campo de batalha. Mas o destino decretou o contrário”, disse Petrov ainda na década de 1970. ■



Veja a publicação original
no site Russia Beyond



Os soldados do Exército Vermelho vestidos com chapéus de inverno durante o desfile de 1941 e armados com metralhadoras inglesas Lewis, importadas para a Rússia em 1917

Por que os soviéticos celebraram a Revolução enquanto Moscou estava caindo nas mãos dos nazistas?

Por **Boris Egorov**, Russia Beyond

Milhares de soldados soviéticos participaram do desfile da Revolução de Outubro em 1941, em Moscou. Da Praça Vermelha, marcharam diretamente ao campo de batalha para brechar os nazistas, que já estavam a poucos passos de distância do Kremlin.

Esse foi provavelmente um dos desfiles mais incomuns que Moscou já sediou. Em 7 de novembro de 1941, soldados marchavam na Praça Vermelha para celebrar o 24º aniversário da Revolução de 1917 e imediatamente seguiram para a linha de frente para combater os nazistas, que estavam a apenas 30 quilômetros do centro da cidade.

O desfile anual em homenagem à revolução era o mais importante da URSS. Em outubro de 1941, porém, poucos acreditavam que fosse ocorrer naquele ano.

A cidade estava à beira da catástrofe: as tropas alemãs haviam rompido as defesas soviéticas e chegavam aos arredores de Moscou. Instalações industriais e administrativas estavam sendo evacuadas, e o que não podia ser movido era minado.

O sistema de transporte também estava paralisado. A cidade foi tomada por saques, roubos e incêndios. Cidadãos em pânico fugiram de Moscou com tudo o que podiam

carregar. Para dar fim ao caos, em 20 de outubro, a liderança soviética decretou estado de sítio. Com o toque de recolher imposto, a cidade ficava controlada pelas tropas da NKVD (ministério do Interior), que relativamente estabilizaram a situação.

Mas nem mesmo as medidas rigorosas foram suficientes – os moscovitas precisavam de algo inspirador. Foi então que a liderança decidiu realizar o Desfile da Revolução, provando a Moscou e a todo o mundo que os soviéticos ainda podiam e iriam lutar.

A primeira missão foi proteger a Praça Vermelha dos ataques da Luftwaffe no dia do desfile. Em 5 de novembro, a Força Aérea Soviética iniciou ataques preventivos contra os aeródromos alemães. No total, 550 caças foram retirados de outras linhas de frente, e tropas antiaéreas foram colocadas em alerta máximo. Graças a essas medidas e uma forte nevasca, nenhum avião inimigo chegou ao centro de Moscou em 7 de novembro.

Paralelamente, a maioria da liderança do país, juntamente com diplomatas estrangeiros, estava em um desfile semelhante em Kuibichev (atual Samara), cidade no Volga a 1.000 km de Moscou, não muito longe do Cazaquistão. Esta localidade funcionaria como capital temporária da URSS, caso Moscou fosse tomada.

Em torno de 28.500 soldados participaram do desfile em Moscou: a maioria era composta por cadetes militares e unidades de fuzil, cavalaria, artilharia e tanques da Guarnição de Moscou e Reserva do Alto Comando Supremo. Juntamente com os soldados, foram expostas 140 peças de artilharia, 160 tanques e 232 veículos. Devido à nevasca na hora do desfile, a exibição da aviação foi cancelada.

Geralmente, as tropas levavam de 2 a 3 meses para se preparar para o desfile na Praça Vermelha. Mas, em 1941, elas tiveram apenas alguns dias. Após o desfile, os soldados se moveram diretamente para a linha de frente para enfrentar o perigo.

O desfile foi amplamente coberto por jornalistas soviéticos e estrangeiros que ainda permaneciam em Moscou. “Ouvei o desfile de casa em Kalinin (atual Tver). Nós, jovens, ficamos realmente inspirados. Eu tinha 17 anos na época e fui para a frente de batalha”, lembrou o veterano Serguêi Kolodin.

Depois de 1941, Moscou não realizou nenhum desfile até o final da guerra. A vez seguinte em que soldados soviéticos marcharam na Praça Vermelha aconteceu apenas em 24 de junho de 1945, para celebrar a vitória decisiva sobre o nazismo. ■



Veja a publicação original
no site Russia Beyond







Libertação soviética de Auschwitz: lembranças e fotos de quem viveu

Por **Iliá Krol**, Russia Beyond

Em 27 de janeiro de 1945, o Exército Soviético, sob o comando do marechal **Ivan Konev**, pôs fim ao maior campo de concentração nazista do Terceiro Reich. Vejamos alguns relatos dos participantes e testemunhas desses eventos.

Os prisioneiros de Auschwitz foram libertados por quatro divisões de infantaria do Exército Vermelho. A vanguarda era composta por combatentes das divisões 107 e 100. O major Anatôli Chapiro serviu nesta última divisão e suas tropas de choque foram as primeiras a abrir os portões do campo. Ele lembra:

Na segunda metade do dia, entramos no território do campo e atravessamos o portão principal, no qual estava pendurado um escrito com arame: "O trabalho liberta". Era impossível entrar nas barracas sem gaze. Cadáveres ocupavam os beliches. Debaixo das camas, esqueletos que mal estavam vivos se arrastavam e juravam que não eram judeus. Ninguém conseguia acreditar que eles estavam sendo libertados.

Havia cerca de 7.000 prisioneiros no campo naquela época. Entre eles estava um prisioneiro identificado pelo número 74233 (cujo nome não foi informado):

De repente, vi silhuetas de uniforme branco e cinza andando em uma via perto do campo. Eram cerca de 17h00. Primeiro, pensamos que eram prisioneiros do campo que estavam voltando. Eu corri para ver quem era. Ficamos muito felizes ao saber que eram as unidades de reconhecimento soviéticas. Foram beijos e saudações sem fim. Disseram-nos para ir embora. Eles nos explicaram

que não podíamos ficar lá porque ainda não estava clara a localização do inimigo.

O tenente-general Vassíli Petrenko, que em 1945 comandava a 107ª divisão de infantaria, chegou ao território do campo logo após Chapiro. Em suas memórias 'Antes e Depois de Auschwitz', ele descreve o que viu:

Em 18 de janeiro, os alemães levaram consigo todos que ainda conseguiam andar. Os doentes e os fracos foram deixados para trás. Os poucos que ainda podiam andar fugiram quando nosso exército chegou ao acampamento. Enviamos imediatamente as unidades sanitárias pertencentes às 108ª, 322ª e 107ª divisões para o campo. Os hospitais de campo foram desdobrados. Este foi o decreto. As cozinhas de campo dessas divisões eram responsáveis por alimentar os ex-prisioneiros.

O comandante Vassíli Gromadski foi um dos primeiros a entrar no campo:

Havia uma fechadura no portão. Não sabia se era a entrada principal ou o quê. Ordenei que os homens quebrassem a fechadura. Não havia ninguém lá. Caminhamos mais 200 metros e vimos prisioneiros em camisas listradas correndo em nossa direção, cerca de 300 deles.





Soldados soviéticos do Exército Vermelho, com prisioneiros libertados do campo de concentração de Auschwitz, na Polônia, em 1945

Mantínhamos cautela, pois fomos avisados de que os alemães poderiam estar disfarçados. Mas eram prisioneiros de verdade. Eles choravam, nos abraçavam. Eles nos disseram que milhões de pessoas foram mortas lá. Ainda me lembro de eles nos contando como os alemães enviaram 12 vagões com carrinhos de bebê de Auschwitz.

Ivan Martinuchkin tinha 21 anos e era o primeiro tenente-comandante da unidade de metralhadora da 322ª divisão de infantaria. Lembra que só no último momento entendeu que fora enviado para libertar um campo de concentração:

Fui até a cerca com minha unidade, mas já estava escuro e não entramos nas instalações. Nós apenas ocupamos a sala de vigia do lado de fora do acampamento.

Lembro que estava muito quente dentro, como se tivesse sido aquecido.

Nós até pensamos que os alemães haviam preparado um lugar aquecido para eles mesmos e então chegamos. No dia seguinte, começamos a fazer uma varredura. Havia um assentamento enorme lá – Bjezinka, com casas impressionantes de tijolos.

E enquanto percorríamos, os alemães começaram a atirar em nós de algum prédio. Nós nos escondemos e nos comunicamos com o comandante, pedindo-lhe para bombardear o prédio. Pensei que se o destruíssemos, poderíamos seguir em frente. Mas o comandante nos diz que nossa artilharia não pode bombardear o prédio, porque há um campo de concentração ali, com pessoas, e que devemos evitar qualquer fogo cruzado. Só então entendemos para que servia a cerca.



Foto: B. Fishman



Acima: médicos soviéticos e representantes da Cruz Vermelha entre os ex-prisioneiros do campo de extermínio de Auschwitz logo após a libertação.
Embaixo: soldados soviéticos conversando com as crianças recém-libertadas do campo de concentração de Auschwitz



Foto: B. Borisov



Foto: B. Borisov



Foto: Vladimir Yudin

Acima: foto dos sobreviventes de Auschwitz tirada por um fotógrafo soviético em fevereiro de 1945, durante a realização de um filme sobre a libertação do campo de concentração;
Centro: soldados soviéticos conversam com libertados de Auschwitz; Embaixo: sacos com cabelos de prisioneiros mortos

Jornalistas do 38º exército Usher Margulis e Guennádi Savin entraram no campo depois dos soldados. E assim se recordam:

Entramos no prédio de tijolos e olhamos dentro dos quartos. As portas não estavam fechadas. No primeiro cômodo, havia uma pilha enorme de roupas de criança: casacos, jaquetas, suéteres, muitos com manchas de sangue. Na sala ao lado havia caixas cheias de dentaduras e dentes de ouro. No terceiro quarto, caixas com cabelos. E então uma mulher [prisioneira – Russia Beyond] nos levou a uma sala cheia de caixas com bolsas femininas, abajures, carteiras, e outros itens de couro. E então ela disse: “Tudo isso é feito de pele humana”.

Depois que Auschwitz foi libertado, um novo comandante foi nomeado para administrar a cidade: Grigóri Ielisavetinski. Em 4 de fevereiro de 1945, escreveu para sua esposa:

Há uma barraca infantil no campo. Crianças judias de todas as idades eram levadas para lá. Os alemães faziam experimentos como se fossem coelhos. Vi um garoto de 14 anos que recebeu injeções de querosene na veias para algum propósito “científico”.

Em seguida, um pedaço de seu corpo foi cortado e enviado para um laboratório em Berlim, e substituído por outro. Agora ele está em um hospital, coberto de úlceras profundas e nada pode ser feito para ajudá-lo. Há uma garota bonita andando pelo campo. Louca. Fico surpreso que nem todas as pessoas aqui tenham ficado loucas.

Enquanto isso, ex-prisioneiros fortes o suficiente para andar deixavam Auschwitz por conta própria. Nas palavras do número 74233:

Em 5 de fevereiro, seguimos para Cracóvia. De um lado da estrada, fábricas gigantescas construídas pelos prisioneiros que haviam morrido há muito tempo devido ao trabalho exaustivo. Do outro lado, outro grande campo. Entramos e encontramos algumas pessoas doentes que, como nós, estavam vivos apenas porque não haviam partido com os alemães em 18 de janeiro.

Então continuamos caminhando. Durante muito tempo fomos seguidos por arames elétricos fixados em pilares de pedra. Estávamos muito familiarizados com eles.

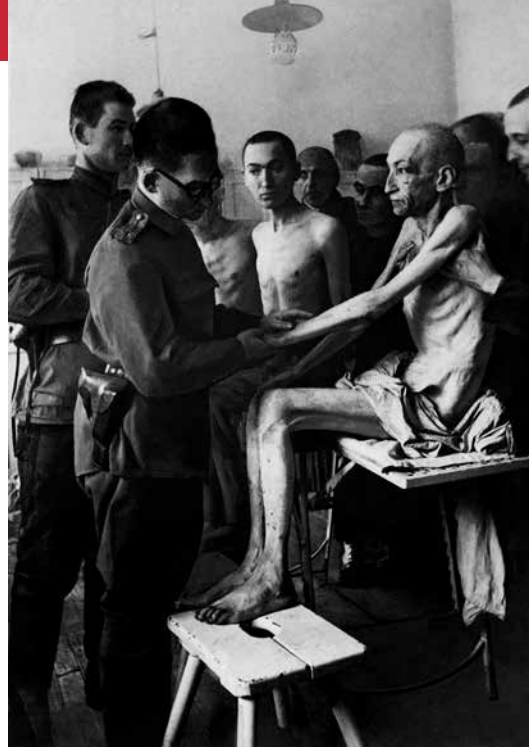
Eram símbolos de escravidão e morte. Parecia que nunca sairíamos do campo. Até que, enfim, saímos e chegamos ao vilarejo de Vloseniucha.

Passamos a noite lá e, no dia seguinte, 6 de fevereiro, seguimos em frente. No caminho, um carro parou e nos deu carona para Cracóvia. Somos livres, mas ainda não sabemos como ser felizes. Passamos por muita coisa e perdemos muitas pessoas. ■

Este material é baseado em documentos da Fundação Russa do Holocausto e nas seguintes memórias: "Antes e Depois de Auschwitz", de V. Petrenko; "Eu Sobrevivi Auschwitz", de K. Jivulskaia; e "O Livro Negro", de V. Grossman e I. Ehrenburg.



Veja a publicação original
no site Russia Beyond



Cirurgião do exército soviético examina o engenheiro de Viena Rudolf Schern, sobrevivente de Auschwitz,

Foto: Olga Ignatovich



*Encontro entre soldados americanos e soviéticos
na ponte sobre rio Elba, em Torgau, na
Alemanha, 26 de abril de 1945*





Há 75 anos no rio Elba: como foi o encontro caloroso entre tropas soviéticas e forças dos EUA

Publicado originalmente pela Sputnik Brasil

Com Europa em chamas, duas frentes de guerra se uniram com antecipação da vitória iminente – há exatos 75 anos, em 25 de abril de 1945 no rio Elba, na Alemanha, se encontraram os soldados soviéticos e americanos.

Sputnik lembra como foi este dia histórico nas margens do rio Elba. O encontro era ansiosamente esperado por ambos os lados, mas mais tarde os aliados seguiram caminhos distintos.

Em meados de abril de 1945, o Exército Vermelho e as tropas anglo-americanas avançavam rapidamente em direção uns aos outros. Na noite de 16 de abril, a 1ª Frente Bielorrussa, e mais tarde a 2ª Frente Bielorrussa e a 1ª Frente Ucraniana, avançaram para a tomada de Berlim. O desfecho já estava traçado, tal como o destino da Alemanha nazista – os vencedores iriam dividi-la em zonas de ocupação.

Essa decisão foi tomada ainda em 1944 pelos chefes de Estado dos países aliados – a parte oriental seria ocupada pelas tropas soviéticas, a parte ocidental pelas forças americanas e inglesas, uma parte foi entregue à França.

Os aliados americanos e soviéticos deveriam se encontrar no rio Elba. O encontro foi cuidadosamente preparado e foram tomadas todas as medidas para evitar incidentes, confrontos, bombardeios e disparos de artilharia recíprocos acidentais, além disso, foram pintadas linhas brancas nos carros de combate para evitar confusões.

Na tarde do dia 25 de abril, o grupo de patrulha das forças americanas sob comando do tenente Albert Kotzebue deslocou-se até ao rio e avistou os soldados do Exército

soviético na margem oposta. Depois de confirmar que eram os aliados e não alemães disfarçados, os soldados americanos atravessaram para a outra margem.

Na verdade, foi difícil registrar todos os contatos entre os aliados ocidentais e o Exército Vermelho. Os primeiros soldados soviéticos que se encontraram com os americanos foram o tenente Grigory Goloborodko, o sargento Aleksandr Olshansky e vários outros militares. Um pouco mais tarde, a eles se juntou o tenente-coronel Aleksandr Gordeev. Este foi o primeiro encontro confirmado entre os aliados, mas não ficou registrado como oficial.

No mesmo dia, algum tempo mais tarde, realizou-se outro encontro entre o tenente norte-americano William Robertson e o tenente do Exército Vermelho Aleksandr Silvashko. Este evento histórico ocorreu na ponte semidestruída sobre o rio Elba na cidade alemã de Torgau. Ambas as partes comunicaram de imediato sobre o encontro. No dia seguinte foi tirada a lendária foto de Robertson e Silvashko abraçando um ao outro.

A foto dos tenentes soviético e americano apertando as mãos no Elba foi publicada em questão de horas em inúmeros jornais de diferentes países. Em Moscou este encontro, que marcou um dia fatídico para a Alemanha nazista, foi celebrado com 24 salvas de artilharia de 324 canhões. Celebrações também tiveram lugar em Times Square, em Nova York.

“Este momento foi o auge das relações entre aliados da coalizão durante todo o tempo da Segunda Guerra Mundial”, disse à Sputnik Mikhail Myagkov, diretor da Sociedade de História Militar da Rússia. “A Alemanha já estava dividida, os nazistas não podiam mais resistir eficazmente”.

“Os americanos recordam com muito carinho o borsch ucraniano, pelmeni siberianos, caviar e, claro, as bebidas alcoólicas, eles queriam ficar com algumas recordações, como uma estrela do bibico, um botão do casaco. O ambiente em geral era alegre, o tempo estava bom, com muito sol, o cheiro de lilás pairava por todo lado. O pressentimento do fim da guerra estava no ar”, conta Myagkov.

Mesmo nos dias de hoje, o espírito do Elba demonstra que os dois países conseguem superar suas divergências. O encontro histórico entre os soldados soviéticos e americanos teve um profundo significado simbólico.

No dia 25 de abril nos lembramos da valentia dos soldados de ambos os países na sua incansável luta contra o nazismo e fascismo. Recordamos as vítimas que os dois países sofreram. E, por último, lembramos que Moscou e Washington, apesar das relações bilaterais complicadas, podem cooperar em domínios de interesse comum. ■



Veja a publicação original
no site Sputnik Brasil

Foto: Arkady Shaikhet











Academia de Ciências da URSS

Guerra inaudita: como a ciência soviética ajudou a derrotar Hitler

Publicado originalmente por Sputnik Brasil

A guerra mais importante da história da União Soviética envolveu um esforço colossal de soldados, recursos e comando, mas a ciência bélica e a medicina também fizeram contribuições enormes.

Os desenvolvimentos dos cientistas soviéticos durante a Grande Guerra Patriótica (parte da Segunda Guerra Mundial, compreendida entre 22 de junho de 1941 e 9 de maio de 1945, e limitada às hostilidades entre a União Soviética e a Alemanha nazista e seus aliados), que trabalharam em

todos os campos de pesquisa, desde a matemática até à medicina, ajudaram a resolver um grande número de problemas extremamente difíceis enfrentados em combate, contribuindo assim para a vitória sobre o nazismo na Segunda Guerra Mundial.

A Academia de Ciências da URSS pôs a trabalhar todos seus departamentos para fins militares já em 23 de junho de 1941, um dia depois que a Alemanha nazista atacou a União Soviética.

'Madame Penicilina'

Durante os anos da Grande Guerra Patriótica muitos soldados morriam não pelos ferimentos causados pelas bombas e balas, mas pelas infecções por bactérias a partir das feridas. Para lutar contra esse problema, a microbiologista soviética Zinaida Ermolieva recebeu uma tarefa nada fácil: desenvolver uma penicilina soviética, semelhante à criada por Alexander Fleming em 1928, a partir de matéria-prima nacional.

Na época das pesquisas, Ermolieva já possuía experiência bem-sucedida em seu esforço de guerra. Durante a Batalha de Stalingrado seu trabalho conseguiu parar o surto de cólera e febre tifoide entre as tropas soviéticas, o que foi vital para a vitória da URSS na referida batalha.

Para desenvolver sua penicilina, Ermolieva começou uma busca por um cogumelo com o qual o antibiótico é produzido. Como resultado, em 1943 a pesquisadora e sua equipe iniciaram a produção em massa do medicamento que recebeu o nome de Krustozin. As estatísticas mostram sua alta eficiência: a taxa de mortalidade de feridos e doentes diminuiu em 80% com o início de sua utilização generalizada no Exército Vermelho.

Além disso, graças à introdução do novo medicamento, os médicos conseguiram reduzir o número de amputações em 25%, permitindo que um grande número de soldados evitasse a invalidez e retornasse às fileiras para continuar lutando.

Os esforços de Ermolieva lhe deram renome internacional. Em 1944, visitou a União Soviética o professor britânico Howard Walter Florey, um dos criadores do antibiótico. Ao saber dos trabalhos da cientista soviética, Florey decidiu comparar seu antibiótico com o de Ermolieva. Para sua surpresa, a penicilina soviética era quase uma vez e meia mais eficiente que a do britânico. Devido a tal fato, Ermolieva começou a ser chamada de "madame Penicilina".

Proteção contra minas magnéticas

Desde o início da guerra, os nazistas começaram a minar as saídas das bases navais soviéticas e as principais rotas marítimas.

Como resultado disso, em 24 de junho de 1941, dois dias após o início da invasão alemã à União Soviética, o destróier Gnevny e o cruzador Maksim Gorky foram alvos de tais minas no golfo da Finlândia. Para resolver tal problema, foi dada a ordem ao Instituto Físico-Técnico de Leningrado de desenvolver um mecanismo eficiente contra essas minas.

Foto: Arkady Shalkhet



Foto: Nosov Petr



Acima: Zinaida Ermolieva em seu laboratório.
Embaixo: ampolas com doses de Krustozin



Acima: lança-foguetes Katyusha, aperfeiçoado com os estudos de matemáticos como Mstislav Keldysh; Ao lado: Medalha de Ouro, de autoria de Yu.M. Egorov, em homenagem ao matemático; À direita: Mstislav Keldysh

Graças aos trabalhos acelerados dos engenheiros soviéticos, métodos de proteção dos navios soviéticos foram criados. Já em agosto de 1941, a maior parte dos navios da URSS utilizava tais métodos, sendo que mais nenhum de seus navios foi acometido por tais minas. Desta forma, centenas de embarcações foram salvas assim como a vida de milhares de pessoas.

Indústria metalúrgica também ajudou

Os metalúrgicos soviéticos desenvolveram uma nova liga leve: silumínio de zinco, a partir do qual foram fabricados motores para equipamentos militares. Além disso, foi introduzido um novo método de criação de peças fundidas que reduziu significativamente o consumo de metais.

A soldagem elétrica teve um papel fundamental no aumento do número de veículos produzidos. A soldagem por arco submerso a vácuo permitiu aumentar a taxa de produção dos tanques dezenas de vezes. A soldagem também permitiu a criação de um vidro blindado, que era 25 vezes mais forte que o vidro comum.

Este desenvolvimento permitiu criar blindagem transparente para as cabines dos aviões de combate soviéticos.

Matemática para aviação e artilharia

Particularmente importante foi o papel da matemática na criação e aperfeiçoamento de novos equipamentos



militares. Grande contribuição deu o matemático Mstislav Keldysh.

Nos anos 30 os aviões apresentavam grande vibração quando sua velocidade de voo aumentava. Em poucos segundos, peças se quebravam, assim como por vezes todo o avião. Com o uso de cálculos matemáticos, Keldysh conseguiu descrever o fenômeno, o que permitiu alterar a estrutura dos aviões soviéticos e evitar tais vibrações. Tal avanço tecnológico propiciou a melhor produção de aviões de guerra.

Da mesma forma, outro defeito que criava problemas aos pilotos da URSS era a oscilação que o trem de pouso dianteiro das aeronaves com três rodas apresentava. Em determinadas condições, na decolagem e aterrissagem tal roda começava a virar rapidamente para ambos os lados ocasionando acidentes fatais. Com a ajuda de Keldysh, os engenheiros soviéticos conseguiram superar a deficiência.

A matemática também foi posta em serviço para aumentar a eficiência do lendário lança-foguetes Katyusha. Se no início este tinha uma densidade de fogo de apenas cerca de quatro projéteis por hectare, em 1942 os projéteis de Katyusha começaram girando, e a concentração dos disparos aumentou 10 vezes.

Além disso, cientistas soviéticos desenvolveram tabelas simples para determinar a localização de um navio por meio de radiogoniometria. Estas também foram amplamente utilizadas em operações da aviação de longo alcance e melhoraram significativamente a precisão da navegação dos aviões.

Óleo e oxigênio líquido

A contribuição dos geólogos para a vitória também foi inestimável. Quando as tropas alemãs ocuparam vastos territórios da União Soviética, surgiu a necessidade urgente de encontrar novos depósitos minerais. Os geólogos resolveram essa tarefa difícil.

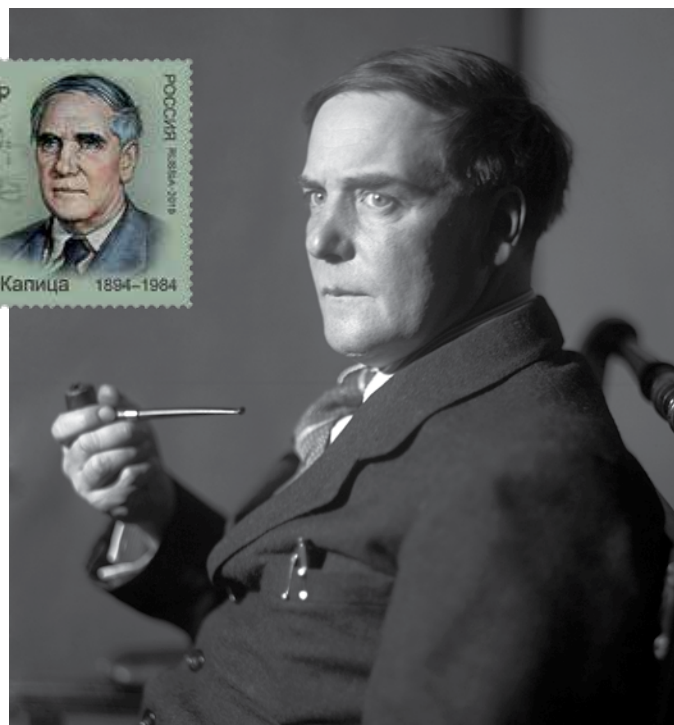
Andrei Trofimuk, um futuro acadêmico, encontrou um campo de petróleo na região de Basquíria, ao lado dos montes Urais, e o combustível foi enviado para o fronte ininterruptamente, o que lhe valeu o título de Herói do Trabalho Socialista.

Durante os anos de guerra, a necessidade de produzir oxigênio líquido em escala industrial, principalmente para produzir explosivos, cresceu enormemente. No início de 1942, o físico Pyotr Kapitsa criou um novo dispositivo de turbo-oxigênio. No ano seguinte, o aparelho começou a ser explorado.

Um dos erros de Hitler, que levou ao fracasso de sua ofensiva contra a URSS, foi subestimar a ciência soviética, escreveu depois da guerra Sergei Vavilov, acadêmico da URSS. ■



Andrei Trofimuk



Pyotr Kapitsa e selo de 2019 em sua homenagem



Veja a publicação original
no site Sputnik Brasil

75
ПОБЕДА!
1945–2020

RÚSSIA HOJE

Publicação da Embaixada
da Rússia no Brasil

2020 #11

Capa: a Bandeira da Vitória
sobre o Reichstag, em 1945
Quarta capa: os soldados soviéticos
Mikhail Égorov (à direita) e Meliton
Kantaria, que ergueram a Bandeira da
Vitória sobre o Reichstag
Fotos de Vladimir Grebnev

Sob direção
do Embaixador
da Rússia no Brasil
Sergey Akopov

Redação
Ivan Kononov

Pesquisa iconográfica
Paulo Roberto Pereira Pinto

Direção de arte
Paulo Roberto Pereira Pinto

Impressão
Athalaia Gráfica e Editora

Colaboração
Sputnik Brasil
Gazeta Russa

RÚSSIA





